

TEXTUALIDADE
E MEMÓRIA
PERMANÊNCIA, ROTURA,
CONTROVÉRSIA

EDIÇÃO
JOHN GREENFIELD
FRANCISCO TOPA



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: *Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia*

Edição: John Greenfield, Francisco Topa

Comissão editorial: John Greenfield (U. Porto / Coordenador), Francisco Topa (U. Porto),

Ingrid Kasten (F.U. Berlin), Laura Auteri (U. Palermo), Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (U.F. Góias)

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Paginação: Carlos Gonçalves | www.carlosgoncalves.net

Imagem da capa: Fuselog – Gabinete de Design, Lda.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Depósito legal: 454106/19

ISBN: 978-989-8351-96-8

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8351-96-8/tex>

Porto, dezembro de 2018

Produção: www.decadadaspalavras.com

Impressão e acabamento: Clássica, Artes Gráficas. Porto.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 — Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

DA LEITURA DO TEXTO AO TEXTO DA LEITURA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ENSAÍSMO DE MARIA JOÃO REYNAUD

FERNANDO CASTRO BRANCO*

«A última *página* de qualquer livro, que é simultaneamente fim e princípio, configura-se como o lugar de uma troca simbólica que torna possível a sobrevivência imediata da obra enquanto expressão do desejo humano de infinito»¹. É com estas palavras que segregam em si uma verdade poética e a ideia de poeticidade propriamente dita que Maria João Reynaud fecha a *apresentação* do seu livro de ensaios *Sentido Literal*. A leitura dos textos literários advém na ensaísta uma espécie decantada de textos da leitura e neste sentido esta sessão será tão-somente uma «última página» que assegurará um princípio sempre renovado entre a homenageada e os seus leitores.

É sabido que durante mais de quatro décadas Maria João Reynaud exerceu (e continua a exercer) de forma intensa um notável trabalho de explicação e divulgação da literatura e dos autores portugueses, quer pela palavra oral — no seu magistério pedagógico na Faculdade de Letras da Universidade do Porto — quer pela palavra escrita, através de estudos e ensaios trazidos a público, e os de maior destaque reunidos em obras tão marcantes como *Metamorfoses da Escrita* — *Húmus de Raul Brandão*, *Fernando Echevarría* — *Enigma e Transparência*, *Sentido Literal* e *Matéria Poética*.

A autora segue no seu ensaísmo uma linha de grande consistência e coerência metodológica e estilística, enveredando por um discurso de extrema limpidez retórica

* CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.

¹ REYNAUD, 2004: 13.

e analítica que ilumina os textos-fonte na justa medida que no-los dá a ver na sua esfera própria, no seu habitat natural; cercando-os, desvelando-os, expondo-os aos olhos do destinatário inteiros e intactos, puros em sua transparência e espessura; na sua génese, evolução, mundividência e identidade. A palavra que convoca é leve e firme, justa e elegante, dúctil e rigorosa. Ainda que em todo o momento socorrendo-se dos vastos conhecimentos e da *autoridade* da Professora de sempre, nem por isso as Lições que integram os seus livros se subordinam a uma *retórica da autoridade*, tão só uma partilha generosa, aceite pelos seus leitores, que veem esta «matéria poética» fundamentalmente *partilhável*, numa relação gnosiológica de carácter claramente interpessoal. Na introdução ao seu livro *Matéria Poética*, dirigida diretamente «Ao Leitor», pontua-se claramente esta comunhão cúmplice entre a ensaísta e o destinatário, subordinada a uma ética e a uma estética da proximidade, bem como a uma exímia retórica da *fala*.

Silvina Rodrigues Lopes², lendo Derrida, afirma que

o ensino da literatura tende a fundar a sua prática num princípio que atribui à própria literatura: a retoricidade é, em literatura, a destruição da eloquência, e por isso a técnica de análise retórica é, no ensino da literatura, a destruição da eloquência.

Aqui, o crítico em vez de tomar o centro da *cena literária* confere toda a visibilidade ao texto. Mais do que apresentar um texto *interpretado*, Maria João Reynaud permite que o texto se deixe interpretar, melhor, ler, nos seus múltiplos planos constitutivos. Para isso, vai criando toda uma ambiência estética e contextual, clarificando os quadros de referência do seu surgimento e crescimento, com meticuloso rigor e extremada sensibilidade. Isto não significa que esta crítica seja *neutra ou inocente*, que nenhuma verdadeira crítica o é, como muito bem acentua Manuel Frias Martins. Trata-se simplesmente de uma questão de ponto de vista, do lugar propício e discreto de onde o *fotógrafo* se coloca para que a imagem surja como se unicamente por si mesma se desse a ver. Como se ao mostrar ao leitor o que *vê* nas obras que aborda, o colocasse num plano privilegiado para que ele (o leitor) visse por conta própria os seus próprios horizontes, que são sempre ilimitados quando, como é o caso, se apresentam autores de nível superior. Trata-se pois de «olhar» o texto: olhar minucioso, analítico no profundo sentido do termo. E nessa medida o olhar interno do texto irradia ao olhar do leitor, que olhando sobre esse olhar não deixa de olhar por si mesmo, mas já com outra profundidade radioscópica. É este olhar que vai assegurar a «singularidade da relação que se procurou estabelecer com cada texto», como nos adverte a autora na

² LOPES, 1994.

abertura da obra *Sentido Literal*, ou quando cita neste contexto Fernando Guimarães: «Os olhos não têm pressa» (p. 310).

A ensaísta, nesse livro, refere as naturais «variações metodológicas que resultam de abordagens diversas, à luz das propostas teóricas que fomos ensaiando» (p. 11). Creio ter contudo fixado definitivamente as suas leituras críticas numa perspectiva de índole genética. Porém, não se trata de uma crítica exclusivamente genética, mas de aplicar o essencial desse método: visualizar, digamos assim, o perfil, a fisionomia do texto, para lhe dar visibilidade, para o tornar um texto sentido, o seu fenomenal sentido, a partir do sentido central da visão.

Trata-se de uma ontologia do questionamento, de uma pragmática que visa a identidade, a idiosincrasia do texto-fonte, não o mutilando, deformando, ou violentando, em operações estranhas ao mesmo. Constrói-se entre o crítico, o texto e o leitor uma espécie de «pacto de leitura» que, captando o texto nas circunstâncias em que surge, o apresenta sob as várias faces das suas sucessivas metamorfoses. O texto é sempre um objeto que nasce algures, passa por diferentes fases de realização e crescimento e não se fica em si mesmo, nem no interior da consciência que o originou, antes chega a outrem surpreendente, imprevisto, numa corrente interpessoal e intersubjetiva que lendo-o o relê, o reconstrói, o multiplica o amplia em seu horizonte recetivo. Desta forma, o trabalho hermenêutico de Maria João Reynaud centra-se sobretudo no que a obra é e não no que ela deveria ou poderia ser. Judicativamente sóbria e contida, dando, reitera-se, o centro do palco ao texto na sua fisionomia estética, ontológica, teleológica e gnosiológica. Nesse surgimento textual, que visa um leitor «implícito», o autor nunca se apaga, longe da utopia estruturalista da «morte do autor», este ocupa o lugar que lhe cabe no extrair da pedra bruta e indivisa da linguagem a obra estética. Mas esta, uma vez vinda a lume, só a ela devem ser pedidas contas dos sentidos que daí irradiam: plurívoca como toda a verdadeira obra de linguagem, oriunda dessa pátria polissémica de raiz universal. A literariedade da obra de linguagem não rasura as circunstâncias humanas que lhe deram origem, antes faz delas essa «matéria poética» que absorverá, dela se alimentará, como sucede aliás nos outros planos da arte. A experiência da linguagem é o ato que subjaz quer ao autor quer ao crítico. Maria João Reynaud sintetiza claramente este processo:

O acto de compreensão literária (ou o exercício da crítica) é sempre determinado por uma experiência fundadora de leitura, a qual constitui o sedimento da reflexão que a obra suscita. Esta reflexão não visa apenas responder à complexidade da obra, mas interrogar o próprio modo de ser da literatura (p. 11).

Elaboramos este estudo a partir do último livro publicado pela autora, *Matéria Poética*, para observarmos em concreto as considerações atrás expendidas; no fundo,

uma modesta aproximação à sua arte ensaística. E dos diversos autores aí estudados, por uma questão pragmática inerente às limitações temporais de uma comunicação deste tipo, optamos por salientar a leitura de um autor que, em nossa opinião, marca decisivamente não só este livro, mas funciona como referência em relação a boa parte da obra ensaística de Maria João Reynaud: referimo-nos a Fernando Guimarães.

Assim, *Matéria Poética* abre com uma *Introdução*, que mais do que uma introdução ao livro, é uma introdução à idiosincrasia do discurso poético propriamente dito, à enunciação de algumas marcas que identificam e individualizam esta tipologia discursiva e aos elementos que a constituem, a que ela designa pelo termo abrangente de «matéria». Aponta ainda os novos caminhos para a poesia e para o facto perfeitamente identificável do esbatimento entre as tradicionais fronteiras dos géneros, que a modernidade literária e estética fez explodir em múltiplos estilhaços e a pós-modernidade deu continuidade, agora em implosão mais silenciosa, mas, quiçá, mais decisiva e radical. Implosão dos géneros literários e esboroamento dos seus muros estanques que parece acompanhar o próprio esbatimento das fronteiras entre as diferentes artes. Teóricos da literatura e da estética como Gerard Genette ou Mikel Dufrenne constataam que hoje unicamente nos será possível identificar a Arte, mas não as artes. Simultaneamente, introduz o «Leitor» nessa premissa angular de que «o trabalho do poeta consiste fundamentalmente em vencer a resistência da linguagem» (p. 7), até porque vencida essa resistência, «só a poesia é capaz de revelar todas as potencialidades da língua» (p. 8).

O primeiro ensaio do livro, «*Poesia: Lugar de doação*», cabe pois à obra poética de Fernando Guimarães, e constitui-se simultaneamente como a Lição apresentada no âmbito das Provas de Agregação, realizadas em outubro de 2004, e tem desde logo o extraordinário mérito de vincar a obra de um poeta maior da literatura portuguesa contemporânea, embora a relevância do crítico e do estudioso dos temas culturais e literários pareça por vezes deixar na sombra. *Lição* não só na sua estrutura e solenidade académica, mas igualmente na forma como nos dá a ver, cosmoramicamente, as várias componentes da poesia e da poética de Fernando Guimarães, com realce para a trazida a público no decénio que, tendo em conta a data da apresentação desta *Lição*, teria sido a publicada grosso modo entre 1994 e 2004. *Lição* também por, desde início, colocar, na senda de Paul de Man, entre outros, a questão central do ensino da poesia, e as dificuldades que esta atividade enfrenta num tempo em que a crise dos estudos literários parece ter, profeticamente, antecipado outras crises mais vastas. E neste *horizonte de expectativas* subordinado ao ensino da poesia, nada mais acertado que seleccionar um poeta cuja atividade vive intensamente mergulhada na divulgação dessa mesma poesia, em prejuízo, tantas vezes, reitera-se, da divulgação da sua própria obra poética. Mas não só a problemática do ensino da poesia une, neste caso, ensaísta e ensaiado, como também o facto de uma das marcas mais vincadas e mais atuais da poesia e do ensaísmo de Fernando Guimarães convocar a própria figura do *leitor*. Dada

a densidade deste ensaio de mais de meia centena de páginas e a matéria do mesmo, é uma tarefa inexequível sintetizar a vastidão e a complexidade do seu conteúdo no âmbito desta comunicação. Porém, será ainda de referir que a autora se serve do próprio pensamento crítico do autor de *A Face Junto ao Vento* expresso no ensaio «O problema da Expressão Poética», para colocar em primeiro plano a especificidade da linguagem da poesia e a forma como ela chega à esfera do leitor, à sua compreensão, sensibilidade, juízo de valor ou tão só juízo de gosto. Heidegger permanece em fundo do crítico e do poeta, em ambos os casos a palavra poética é o meio privilegiado de desvendamento do ser, das suas obscuridades, das suas complexidades, hermeticamente inacessíveis a qualquer outro tipo de linguagem. O ser habita pois a poesia de Fernando Guimarães nas suas matriciais funções «*antológica, autotélica e dialógica*» (p. 22) e nessa base a poesia assume-se igualmente como lugar habitável, pátria fora da qual o ser entra no espaço desabrigado do exílio, da errância. A abordagem da obra do autor de *Lições de Trevas* segue subordinada a mais três tópicos temáticos: 1 — «Narciso ou o outro nome da poesia», em que, partindo de um texto de 1952 de Fernando Guimarães, «*Narciso e o Encontro da Morte*», se toma o mito de Narciso — um dos principais mitos arcaicos alegórica e simbolicamente retomados ciclicamente pelo autor — como ponto de partida para uma reflexão poética e ontológica sobre a condição efémera do homem e, nessa medida, a referência ao poético como lugar simultaneamente de perda e redenção, porque ponto nevrálgico onde se imbricam sensível e inteligível, realidade e reflexo, imanência e transcendência, corporalidade e espiritualidade.

Segue-se o ponto 2, «Figuração Poética e Dialogismo»: trata-se aqui do carácter dúplice da linguagem poética, desdobrada sobre si mesma, modelando a realidade e o mundo, através da exploração do sentido oculto, invisível, para, precisamente, dar conta dessa realidade que recria, transpõe, transcodifica. O mesmo se passa na relação entre a linguagem denotativa e sua transformação na sua versão artística, poética, assente num modelo semiótico específico, como explicita Yuri Lotman. Esse diálogo, em Fernando Guimarães, abrange ainda o diálogo interartístico, ekfrástico, com outras artes, como as artes plásticas e a música. Diálogo igualmente entre o silêncio e o discurso, o «eu» e o «tu»; duplicação do sujeito enquanto espaço comunicacional que recusa do solipsismo.

Esta *Lição* termina, circularmente, com o tópico, que dá título ao ensaio «Poesia como Lugar de Doação», tomando a leitura igualmente como esse espaço intersubjetivo de «comunicação e comunhão» (p. 57), lugar de encontro, de *alteridade*, de cumplicidade entre o «eu» e o «outro», o que escreve e o que lê e que lendo reescreve, atribui sentido, alarga a mundividência da linguagem poética.

Elabora pois Maria João Reynaud o seu texto da leitura enquanto expansão e complemento do texto lido, como queria Benjamin.

BIBLIOGRAFIA

LOPES, Silvina Rodrigues (1994) — *A Legitimação em Literatura*. Lisboa: Cosmos.

REYNAUD, Maria João (2004) — *Sentido Literal*. Porto: Campo das Letras.

____ (2008) — *Matéria Poética: ensaios de Literatura Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.